



**Cristina Isabel Figueiredo
dos Santos**

Organização e envolvimento no espaço educativo.

Relatório apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré Escolar, sob a orientação da Professora Doutora Ana Paula Cabral.

Organização e envolvimento no espaço educativo

Organização e envolvimento no espaço educativo

Agradecimentos

Este estudo não é apenas resultado de um empenho individual, mas sim de um conjunto de esforços que o tornaram possível e sem os quais teria sido muito mais difícil chegar ao fim desta etapa, que representa um importante marco na minha vida pessoal e profissional. Desta forma, manifesto a minha gratidão a todos os que estiveram presentes nos momentos de angústia, de ansiedade, de insegurança, de exaustão e de satisfação.

À minha família que tanto esforço fez para que este meu sonho se tornasse uma realidade.

À minha orientadora, Prof. Doutora Ana Paula Cabral, pela forma como me orientou, pelo entusiasmo e motivação.

Aos professores da Escola Superior de Educação de Santa Maria, pelo apoio e dedicação demonstrada ao longo deste percurso.

À minha educadora cooperante e à diretora pedagógica da instituição X, pela compreensão, disponibilidade e companheirismo ao longo desta caminhada.

A todos os que de certa forma contribuíram para que o sonho de uma menina fosse a realidade de uma futura educadora.

Índice

Introdução	
I. Projeto de investigação	8
1. Problemática	9
2. Descrição do contexto	12
3. Enquadramento teórico	14
3.1 Modelo curricular de organização do espaço <i>High-Scope</i>	17
3.2 Outros modelos de organização dos espaços.....	19
3.3 Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar	20
4. Enquadramento Metodológico	22
5. Análise e discussão dos dados	26
1. Espaço e mobiliário: organização da sala em estudo	27
2. Comparação de ocorrências nos diferentes cantos da sala em estudo.....	30
3. Sinais de envolvimento dos grupos nas atividades	31
4. Divisão dos grupos em níveis de acordo com a escala de Leuven.....	31
6. Conclusões	33
II. Prática Pedagógica: Reflexão crítica	35
Bibliografia	50
Anexos.....	52

Organização e envolvimento no espaço educativo

Índice de quadros

Quadro 1: Cronograma de atividades desenvolvidas no estágio	45
---	----

Índice de tabelas

Tabela 1: Existências na sala em estudo segundo a subescala da ECERS-R.....	29
Tabela 2: Comparação de ocorrências nos diferentes cantos da sala em estudo.....	30
Tabela 3: Sinais de envolvimento dos grupos nas atividades	31
Tabela 4: Divisão dos grupos em níveis de acordo com a escala de Leuven.....	31

Organização e envolvimento no espaço educativo

O presente relatório integra-se no âmbito da unidade curricular de seminário em Educação de Infância e procura dar conta de um projeto de investigação realizado no contexto da prática pedagógica. O seu objetivo principal foi aprofundar o conhecimento sobre um aspeto particular integrado no âmbito da prática pedagógica que contribuiu para o desenvolvimento profissional e também das capacidades de recolha, análise de dados, respetiva discussão tendo em conta as perspetivas teórica e prática associadas à temática.

Como tal, apresenta-se uma parte inicial associada à justificação da escolha da temática e respetiva problemática seguida pelo enquadramento teórico e metodológico da investigação desenvolvida. Por fim, a análise e discussão de dados e respetivas conclusões são o ponto de partida para uma reflexão alargada e de base crítica sobre o processo de prática pedagógica tendo como ponto de referência os seus objetivos.

I. Projeto de investigação

1. Problemática

O tema deste projeto surgiu de uma observação direta realizada durante as atividades livres, em contexto de prática pedagógica (estágio profissional). Pela observação, pude constatar através dos critérios de organização utilizados na sala de atividades, como por exemplo, a etiquetagem dos materiais (diferentes cores, imagens dos objetos e números de crianças), as crianças demonstravam-se, aparentemente, mais capazes de arrumar a sala autonomamente e pareciam estar mais envolvidas nas atividades que estavam a realizar. Contudo, a sensibilidade para esta temática foi também fruto da realização de um trabalho no âmbito da unidade curricular de *Observação e Avaliação em Contexto Pré-Escolar*, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar (1.º semestre), onde foi aplicada a escala de avaliação do ambiente em educação de infância. Para tal, foi utilizada a *Early Childhood Environment Rating Scale–Revision*, ECERS-R (*Escala de Avaliação do Ambiente em Educação de Infância*) - edição revista por Harms, Clifford & Cryer em 2008. Esta escala é constituída por sete subescalas (espaço e mobiliário; rotinas/cuidados pessoais; linguagem-raciocínio; atividades; interação; estrutura do programa; pais e pessoal). Neste contexto, a ECERS-R foi aplicada num jardim-de-infância de carácter privado, situado no centro da cidade do Porto. Esta experiência serviu de ponto de partida para a organização do presente estudo procurando-se, neste domínio, não só avaliar o espaço como realizado no âmbito da unidade curricular, anteriormente referida, mas também avaliar o envolvimento das crianças.

Desta forma, e tendo em consideração também a experiência desenvolvida no contexto da prática supervisionada, onde se destaca a ideia de que o desenvolvimento das crianças é influenciado pelas estratégias que são utilizadas, considerámos, muito pertinente abordar o presente tema. Decidimos abordar o modelo curricular *High-Scope* porque se distingue dos restantes modelos pelas suas características, comparando com outros modelos de organização do ambiente educativo, como por exemplo, o *Movimento da Escola Moderna*, modelo *João de Deus* e o modelo *Reggio Emilia*.

Na verdade, a relevância do tema é tal que transparece nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, onde é defendido que o processo de aprendizagem implica que as crianças compreendam como o espaço está organizado e como pode ser

Organização e envolvimento no espaço educativo

utilizado e que participem nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar (DEB/ME, 1997).

2. Descrição do contexto

Este projeto vai ser aplicado numa escola que pertence a uma associação sem fins lucrativos. Esta associação é a entidade titular desta escola. A escola foi construída em 1983 e situa-se no centro da cidade do Porto. É uma instituição de carácter privado constituída por Creche, Jardim de Infância e por 1º Ciclo do Ensino Básico. Tem sido sempre preocupação fundamental conservar dentro da Escola as características de uma “escola pequena”, com raízes familiares.

Através do organigrama apresentado no Anexo 1, é possível obter uma visão global do modo como se organiza esta associação.

O projeto será aplicado no jardim-de-infância, na sala dos 4 anos de idade. O grupo que frequenta esta sala é composto por 20 crianças, das quais onze são meninos e nove são meninas. A média de idades do grupo é de 50 meses e 25 dias (à data de 14 de Dezembro de 2011) porque a maioria das crianças tinha 4 anos de idade.

De acordo com a tabela apresentada no Anexo 2, concluímos, quanto ao nível da escolaridade dos pais, que a maioria possui como grau académico a licenciatura. Também concluímos, quanto ao nível socioeconómico, que se situam num patamar elevado.

3. Enquadramento teórico

Desde que nasce, a criança precisa de espaços que ofereçam liberdade de movimentos, segurança e que acima, de tudo, possibilitem a sua socialização com o mundo e com as pessoas que a rodeiam. Segundo Lima (citado por Hohman & Weikart, 2001, p.16) “o espaço é muito importante para a criança pequena, pois muitas das aprendizagens que ela realizará nos seus primeiros anos de vida estão ligadas aos espaços disponíveis e/ou acessíveis a ela”.

Segundo Piaget (citado por Kramer, 2000, p. 29) “o desenvolvimento resulta de combinações entre aquilo que o organismo traz e as circunstâncias oferecidas pelo meio [...] e que os esquemas de assimilação vão se modificando progressivamente, considerando os estágios de desenvolvimento”. Todo o ser humano carrega desde sua concepção conhecimentos e através da interação com o meio vai desenvolvendo estes conhecimentos. Piaget (citado por Davis & Oliveira, 1993, p. 56) considera a interação indivíduo/meio apenas sem considerar as interações entre as crianças e suas diferentes culturas. Vygotsky (citado por Davis & Oliveira, 1993, p. 56) já enfatiza a troca de conhecimentos que ocorrem através das interações entre indivíduo/meio/indivíduo.

Segundo Vygotsky (citado por Davis e Oliveira, 1993, p. 56) “o ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é essencial ao seu desenvolvimento”. Desta forma, um ambiente estimulante para a criança é aquele em que ela se sente segura e ao mesmo tempo desafiada, onde ela sinta o prazer de pertencer aquele ambiente e se identifique com o mesmo e principalmente um ambiente em que ela possa estabelecer relações entre os pares. Um ambiente que permite que o educador perceba a maneira como a criança transpõe a sua realidade, os seus medos e as suas fantasias. Os ambientes devem ser planeados de forma a satisfazer as necessidades da criança, isto é, tudo deverá estar acessível à criança, desde objetos pessoais como também os brinquedos, pois só assim o desenvolvimento ocorrerá de forma a possibilitar a sua autonomia. Os espaços devem ser organizados de forma a desafiar a criança nos campos: cognitivo, social e motor.

Personalizar o ambiente é muito importante para a construção da identidade pessoal da criança, tornar a criança competente é desenvolver nela a autonomia e a independência. Ao oferecer um ambiente rico e variado são estimulados os sentidos e estes são essenciais no desenvolvimento do ser humano. A sensação de segurança e confiança é indispensável visto que mexe com o aspeto emocional da criança. David & Weinstein (citados por Carvalho e Rubiano, 2001, p.109) afirmam que “todos os ambientes construídos para crianças deveriam atender cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil, no sentido de promover: identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidades para crescimento, sensação de segurança e confiança, bem como oportunidades para contato social e privacidade”.

Para avaliar a qualidade de um contexto, devemos centrar-nos em três aspetos diferentes: o primeiro relaciona-se com as características de tratamento; o segundo aspeto para a avaliação da qualidade relaciona-se com a medida dos resultados da educação; o terceiro critério de avaliação da qualidade da educação relaciona-se com o modelo de Educação Experiencial de Leuven (Modelo EXE), uma vez que se baseia no que acontece como resultado das condições educacionais criadas pelo professor, considerando apenas o processo.

A investigação realizada no âmbito deste Modelo revelou dois processos cruciais indicadores da qualidade em educação: bem estar e envolvimento. No entanto, em que medida é que o ambiente da sala e da escola contribuem para a criação de uma atmosfera positiva? Esta questão é colocada quando se avalia o sentimento de bem estar de uma criança, uma vez que o facto de se sentir como em casa não é garantia de que a mudança desenvolvimental ocorra. O envolvimento é uma qualidade da atividade humana, que pode ser reconhecida pela concentração e persistência e é caracterizada por motivação, fascínio e implicação, abertura à estimulação e intensidade de experiência, grande satisfação de fluxo de energia ao nível físico e espiritual. No entanto, o envolvimento não acontece quando as atividades são demasiado fáceis ou não constituem um desafio ou quando a tarefa é muito exigente que é difícil resolver. O envolvimento situa-se no limiar ou na “zona de desenvolvimento próxima”, quando a atividade do aprendiz é adequada às suas capacidades (Vygotsky, 1979). Assim, o envolvimento significa que há uma atividade mental intensa, isto é, a pessoa está a

funcionar mesmo nos limites das suas capacidades, com um fluxo energético que provém de fontes intrínsecas.

3.1 Modelo curricular de organização do espaço *High-Scope*

No contexto específico onde foi realizado este estudo foi adotado o modelo *High-Scope* como regulador da organização do espaço educativo, por isso considerámos relevante descrever este modelo curricular. A organização do espaço educativo da instituição X apresenta características marcantes do modelo ao nível da divisão em seis áreas e a etiquetagem de todos os materiais.

O modelo curricular *High-Scope* é uma abordagem aberta de teorias de desenvolvimento e práticas educacionais que se baseiam no desenvolvimento natural das crianças. O currículo *High-Scope* situa-se no quadro de uma perspetiva desenvolvimentista para a educação de infância, iniciada na década de sessenta por David Weikart (psicólogo americano e presidente da Fundação Educacional High-Scope, em Ypsilanti, Michigan, Estados Unidos).

O modelo *High-Scope* tem como objetivo a aprendizagem ativa da criança, isto é, este modelo valoriza as vivências diretas e imediatas das crianças no seu dia-a-dia. Este tipo de aprendizagem surge de forma mais eficaz em contextos que promovem oportunidades de aprendizagem adequadas ao ponto de vista do desenvolvimento.

Este modelo defende que as crianças têm de ter consistência e que esta necessidade é apoiada pela rotina diária, porque esta ajuda as crianças a anteciparem o que vão fazer a seguir. Na verdade, as crianças que tomam conhecimento da sequência dos acontecimentos diários sentem-se seguras. No modelo *High-Scope*, os grupos constroem a rotina diária a partir dos seguintes segmentos temporais: planejar-fazer-rever. A rotina diária do modelo *High-Scope* consiste em tempos específicos correspondentes a certas atividades: tempo para planearem, para porem em prática os seus planos, para participarem nas atividades de grupo, para brincarem no recreio, para comerem e para descasarem. Assim, neste ambiente, os grupos de ensino constroem a rotina diária a partir dos seguintes segmentos temporais: tempo de acolhimento, tempo de

planeamento, tempo de trabalho, tempo de revisão, tempo de lanche, tempo de recreio, tempo de círculo e tempo de pequenos grupos.

Uma sala onde esteja aplicado o currículo *High-Scope* deve ter as seguintes características:

Espaço – deve ser amplo para se poder incluir os materiais e equipamentos necessários;

Áreas – a sala deverá ser dividida em diferentes áreas indefinidas, deixando um espaço central para a movimentação entre as diferentes áreas;

Localização e tamanho das áreas – ao decidirmos a localização e o tamanho das áreas, devemos considerar os seguintes fatores: espaço, utilização cruzada, superfícies do chão, nível de ruído, nível de luminosidade, visibilidade e circulação;

Escolher, armazenar e etiquetar materiais:

- *A escolha dos materiais: selecionar materiais que possam ser usados de diferentes formas, para encorajar a criatividade da criança; ter materiais limpos, conservados e seguros; ter materiais para atividades individuais e em grupo; os materiais deverão refletir a experiência de vida e cultura das crianças; limitar a variedade dos materiais no início do ano e ir acrescentando novos pontualmente; ter materiais de tamanho real; os materiais deverão refletir a ordem natural dos níveis de desenvolvimento das crianças;*
- *Armazenar materiais: ter materiais em número suficiente, para que as crianças os possam utilizar simultaneamente; ordenar materiais por cor, tamanhos, entre outros; dispô-los de forma visível e que as crianças tenham acesso; só os materiais seguros e utilizáveis deverão estar ao alcance da criança; usar materiais de desperdício; arranjar um local na sala para cada criança guardar os seus materiais e trabalhos; cada criança deve ter um símbolo para os seus materiais e trabalhos;*
- *Etiquetar os materiais: é um exercício cognitivo de discriminação, ao identificarem os símbolos, e é um exercício que conduz à pré-leitura e escrita; desenvolve a noção de responsabilidade e hábitos de ordem, pois a criança aprende a deixar cada coisa no seu lugar depois de usá-la, compreendendo assim o porquê dessa ordem e o respeito pela conservação dos materiais;*

Organização e envolvimento no espaço educativo

- *Ajudar a criança a fazer a aprendizagem sobre a sala – desde logo deve-se implicar a criança na organização do espaço da sala e dos materiais, para fomentar o espírito de trabalho em equipa, ajudá-las a fazer opções ou a tomar decisões, estimulá-las a conservarem e a auxiliarem-se umas às outras;*
- *Exposição dos trabalhos das crianças – é o testemunho do que se passa na sala, é o gesto de expressão criadora, é um ato que vem de dentro da criança e é o próprio jogo.*

Concluindo, o modelo *High-Scope* destaca-se pelo facto de proporcionar uma aprendizagem ativa, o que permite que as vivências das crianças sejam valorizadas. Assim, como valoriza a existência da interação adulto – criança, os adultos devem apoiar as conversas e brincadeiras das crianças. Desta forma, a criança irá sentir-se confiante e com liberdade para manifestar os seus pensamentos e sentimentos. Este modelo também se destaca pelo facto de o espaço estar organizado em seis áreas que permite que as crianças sejam autónomas nas brincadeiras, isto é, que saibam como têm de brincar nas diferentes áreas. O facto de os materiais estarem devidamente etiquetados permite que as crianças sejam autónomas na arrumação da sala e na seleção dos materiais que querem utilizar.

3.2 Outros modelos de organização dos espaços

Em seguida, passaremos a apresentar alguns modelos mais representativos e referenciados neste domínio que foram selecionados tendo em conta as suas características tendo como ponto de referência o modelo *High-Scope*. A intenção não foi elaborar uma contraposição mas apresentar outras abordagens de organização do espaço.

Segundo o *Movimento da Escola Moderna*, as salas deverão ser organizadas a partir de um conjunto de seis áreas básicas de atividades, distribuídas à volta da sala (conhecidas por oficinas na tradição de Freinet) e de uma área central polivalente para trabalho coletivo. As áreas básicas desenvolvem-se em espaços para:

- biblioteca e documentação;
- oficina de escrita e reprodução;
- laboratório de ciências e experiências;
- carpintaria e construções;

Organização e envolvimento no espaço educativo

- atividades plásticas e outras expressões artísticas;
- canto dos brinquedos, jogos e “faz de conta”.

Concluindo, este movimento, na esteira de Freinet, pratica uma pedagogia de cooperação educativa, em que alunos e professores negociam atividades e projetos a desenvolver em torno dos conteúdos programáticos, tendo por base os interesses e saberes dos estudantes e o contexto cultural das comunidades. Esta organização cooperativa promove o desenvolvimento moral e cívico, a capacidade de iniciativa, a corresponsabilização dos alunos pela sua aprendizagem e a aprendizagem da democracia.

Já o modelo *João de Deus* centra-se na preparação académica da criança e a educadora tem um papel ativo e diretivo. Neste modelo, a organização do espaço traduz-se por uma decoração simples mas onde a arte tem presença. Neste valoriza-se uma arquitetura funcional e atraente de características nacionais e regionais. Este modelo valoriza mais as aprendizagens das crianças, por isso a decoração do espaço está muito relacionada com a arte.

Outro modelo pedagógico de referência é o modelo *Reggio Emilia* onde a organização do espaço tem uma estrutura idêntica à das cidades italianas e é cuidadosamente pensado e planeado pelos professores, pais e arquitectos, reflectindo as ideias, valores e atitudes de todos quantos nele trabalham. Existe um espaço comum à volta do qual estão dispostas três salas de atividades. É dada relevância ao ateliê para uma diversidade de técnicas de expressão plástica: desenho, pintura, modelagem, colagem, entre outros. O espaço exterior é cuidadosamente planeado e organizado para realização de atividades e trabalhos.

No modelo pedagógico *Reggio Emilia* valoriza-se bastante as atividades de expressão plástica, por isso o espaço é cuidadosamente organizado para que as crianças consigam explorar diferentes técnicas e realizar diversos trabalhos.

3.3 Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

A temática da organização do espaço é tão relevante no contexto da Educação Pré-Escolar que é referenciada ao nível dos documentos de referência para o Pré-Escolar

Organização e envolvimento no espaço educativo

como algo que todos os educadores têm de ter em consideração, uma vez que tem influência nas aprendizagens adquiridas pelas crianças.

A este nível destaca-se o papel regulador das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, (DEB (1997) onde é referido que:

- os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamentos, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam o que as crianças podem fazer e aprender.
- a reflexão que o educador deve realizar sobre a funcionalidade e adequação do espaço e as potencialidades educativas dos materiais é condição indispensável para evitar espaços estereotipados e padronizados que não são desafiadores para as crianças.
- o processo de aprendizagem implica que as crianças compreendam como o espaço está organizado e como pode ser utilizado e que participem nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. O conhecimento do espaço, dos materiais e das atividades possíveis é também condição de autonomia da criança e do grupo.
- a independência das crianças e do grupo passa também por uma apropriação do espaço e do tempo que constitui a base de uma progressiva autonomia, em que vai aprendendo a escolher, a preferir, a tomar decisões e a encontrar critérios e razões para as suas escolhas e decisões.

4. Enquadramento Metodológico

Pretende-se realizar uma observação não participante de carácter essencialmente quantitativo com base na observação dos cantos da sala do grupo em estudo: o *canto da casinha* que terá os critérios de organização definidos pelo modelo *High-Scope*, e um outro canto relacionado com o projeto em desenvolvimento no momento na sala que não vai ter qualquer critério de organização. Na seleção destes dois cantos foi pensada, uma vez que o objetivo era observar os comportamentos das crianças num canto que elas já conheciam e num canto com o qual iam ter o primeiro contacto. A observação será não participante, porque apesar do canto do projeto ser da minha responsabilidade, enquanto estivesse a realizar a observação não fazia qualquer intervenção no mesmo. Para realizar esta observação serão utilizadas duas escalas de avaliação:

Instrumento 1:

A Escala de Avaliação do Ambiente em Educação de Infância – ECERS-R.

A ECERS – R foi utilizada de várias formas, enquanto instrumento de melhoria dos programas, em diferentes contextos, incluindo os que atendem populações culturalmente diversificadas e em programas inclusivos.

Esta escala foi concebida para avaliar salas de atividades com crianças em idades compreendidas entre os 2 anos e meio e os 5 anos. Esta escala é constituída por sete subescalas:

- espaço e mobiliário;
- rotinas/cuidados pessoais;
- linguagem-raciocínio;
- atividades;
- interação;
- estrutura do programa;
- pais e pessoal.

Cada subescala tem determinados itens que têm de ser avaliados para atribuímos uma classificação de 1 a 7 pontos. Estes itens são avaliados consoante a sua existência ou inexistência. Esta escala foi aplicada na sua totalidade, (como pode ser observado na

folha de cotações apresentada no anexo 3), mas para o presente estudo, foram apenas considerados os dados da subescala *espaço e mobiliário*.

Instrumento 2: Escala de Avaliação do Envolvimento de Leuven

Esta escala desenvolvida para crianças em idade pré-escolar (LIS-YC) foi concebida por Ferre Laevers (1994a) e traduzida por Mateus (1998) (*Escala de Avaliação do Envolvimento de Leuven para crianças em idade pré-escolar* Tradução de LIS-YC: The Leuven involvement scale for young children). A LIS-YC é constituída por duas componentes: a componente de comportamento com base nas avaliações de cada observador e a componente associada aos níveis de envolvimento. Os sinais de envolvimento são os seguintes:

- *Concentração* – A criança restringe a sua atenção ao círculo limitado da atividade;
- *Energia* – Nas atividades motoras a energia física está envolvida. Noutras atividades, a componente física pode salientar-se: no falar alto, gritar e ações realizadas num período curto de tempo;
- *Complexidade e criatividade* – As crianças estão no seu melhor, nas atividades acompanhadas pelo envolvimento. Estas atividades desafiam a sua competência. Apelam às suas capacidades cognitivas e a outras;
- *Expressão facial e postura* – Os sinais não verbais são de uma grande ajuda quando se avalia o grau de envolvimento;
- *Persistência* – Quando está concentrada a criança dirige toda a sua atenção e energia para um ponto. A sua persistência resume-se à duração da sua concentração;
- *Precisão* – As crianças envolvidas dão especial atenção ao seu trabalho: são susceptíveis aos pormenores e mostram precisão nas suas ações;
- *Tempo de reação* – As crianças pequenas estão atentas e facilmente respondem a estímulos interessantes;
- *Verbalizações* – As crianças, por vezes, expressam o seu envolvimento através de comentários espontâneos;
- *Satisfação* – As atividades que possuem qualidade de serem envolventes frequentemente induzem a sensação de “satisfação”.

As escalas de avaliação são as seguintes:

- *Nível1* - Consiste na ausência de atividade, ou seja, esta reservada para momentos em que as crianças não estão ativas.
- *Nível2* - consiste na interrupção frequente da atividade, isto é, a criança está a fazer uma determinada atividade mas interrompe-a frequentemente.
- *Nível3* - consiste numa atividade mais ou menos continuada, ou seja, a criança está mais ou menos continuamente envolvida na atividade, mas não há sinais reais de envolvimento.

Organização e envolvimento no espaço educativo

- *Nível4 - há atividade com momentos intensos, isto é, o envolvimento é expresso por sinais.*
- *Nível5 - consiste na manutenção de uma atividade intensa. Nesta atividade, a criança está completamente absorvida. Os seus olhos estão mais ou menos ininterruptamente focados na ação e no material.*

O grupo vai ser dividido em quatro subgrupos heterogêneos de cinco crianças, utilizando uma amostragem aleatória segundo o critério da divisão por ordem alfabética.

Para a análise dos dados foi utilizado o programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*). Este programa foi escolhido, uma vez que, permite simplificar a exposição de procedimentos básicos de análise de dados de uma forma aplicada à área das ciências sociais. A análise realizada compreendeu o cálculo das principais frequências descritivas.

5. Análise e discussão dos dados

1. Espaço e mobiliário: organização da sala em estudo

A análise de dados foi concebida no sentido de contabilizar as existências de espaço e mobiliário na sala em estudo (Tabela 1).

		Espaço e Mobiliário	Existências
Espaço interior		Espaço insuficiente	0
		Espaço inadequado	0
		Espaço em mau estado de conservação	0
		Manutenção do espaço inadequada	0
		Espaço interior suficiente	1
		Condições adequadas de iluminação, ventilação	1
		Espaço em bom estado de conservação	1
		Espaço razoavelmente limpo	1
		Espaço acessível a todos	1
		Espaço interior amplo	1
		Boa ventilação, existência de alguma luz natural	1
		Espaço acessível a pessoas com incapacidades	0
		A luz natural pode ser regulada	1
		A ventilação pode ser regulada	1
		Total	9
Mobiliário, rotinas, brincadeiras e aprendizagem		Mobiliário básico insuficiente	0
		Mobiliário em mau estado	0
		Mobiliário suficiente para os cuidados diários	1
		Mobiliário robusto e está em bom estado	1
		Crianças com incapacidades têm material adaptado à sua disposição	0
		Material adequado ao tamanho da criança	1
		Mobiliário robusto e em estado de conservação	1
		Mobiliário adaptado permite a inclusão de crianças com incapacidades	0
		Mobiliário para cuidados de rotina de fácil utilização	0
		Banco de carpinteiro, mesa de areia/água, ou cavalete são utilizados	1
		Total	5
Mobiliário de descanso e conforto		Inexistência de mobiliário macio	0
		Inexistência de brinquedos macios acessíveis às crianças	0
		Algum mobiliário macio acessível às crianças	1
		Alguns brinquedos macios acessíveis às crianças	1
		Área confortável acessível às crianças	1
		Área confortável não utilizada para brincadeiras	1

Organização e envolvimento no espaço educativo

Mobiliário de descanso e conforto	físicas activa	
	Mobiliário macio limpo e em bom estado de conservação	1
	Mobiliário macio acessível às crianças	1
	Brinquedos limpos e macios acessíveis às crianças	1
	Total	7
Arranjo da sala para atividades	Inexistência de áreas de interesse	0
	Supervisão visual da sala difícil	0
	Pelo menos duas áreas de interesse definidas	0
	Supervisão visual da sala não é difícil	1
	Espaço suficiente para que ocorram diversas atividades	1
	Espaço para brincar está acessível às crianças com incapacidades	0
	Pelo menos três áreas de interesse definidas	0
	Áreas tranquilas e áreas ativas separadas	1
	Espaço bem organizado	1
	Pelo menos cinco áreas de interesse definidas	1
	Áreas organizadas para que as crianças sejam independentes	1
	Materiais adicionais disponíveis	1
	Total	8
Espaço de privacidade	Crianças não brincam sozinhas	0
	Possibilidade de criar um espaço de privacidade	1
	Espaço de privacidade facilmente supervisionado	1
	Espaço reservado para uma ou duas crianças brincarem	0
	Espaço de privacidade acessível durante uma grande parte do dia	0
	Mais do que um espaço de privacidade disponível	0
	Atividades preparadas para uma ou duas crianças	0
	Total	2
Exposição de material relacionado com a criança	Falta de materiais expostos	0
	Materiais inadequados	0
	Materiais adequados à faixa etária	1
	Trabalhos das crianças expostos	1
	Trabalhos expostos relacionados com as atividades	1
	Trabalhos exposto realizados pelas crianças	1
	Elementos expostos ao nível dos olhos das crianças	1
	Predomina trabalho individualizado das crianças	0
	Exposição de trabalhos tridimensionais e bidimensionais realizados pelas crianças	1
	Total	6

Organização e envolvimento no espaço educativo

Espaço de motricidade global	Nenhum espaço para atividades de motricidade global	0
	Espaço para motricidade global muito perigoso	0
	Algum espaço utilizado para atividade de motricidade global	1
	Espaço para motricidade global de forma geral seguro	1
	Espaço exterior adequado e algum espaço interior	1
	Espaço facilmente acessível para as crianças do grupo	0
	Espaço organizado para que as atividades não interfiram umas com as outras	0
	Espaço exterior para motricidade global	0
	Área exterior tem alguma proteção dos elementos climáticos	1
	Espaço tem características convenientes	0
	Total	4
	Equipamento motricidade global	Pouco equipamento de motricidade global
Equipamento em mau estado de conservação		0
Equipamento não é apropriado à idade e às capacidades das crianças		0
Algum equipamento de motricidade global acessível		1
Equipamento de forma geral em bom estado de conservação		1
Equipamento é adequado à idade e às capacidades das crianças		1
Equipamento de motricidade global suficiente		1
Equipamento estimula uma variedade de competências		1
São feitas adaptações ao equipamento para crianças com incapacidades		0
Equipamento motricidade fixo e portátil é utilizado		1
Equipamento de motricidade global estimula competências a diferentes níveis		0
Total		6

Tabela 1: Existências na sala em estudo segundo a subescala da ECERS-R

Na tabela apresentada, podemos constatar que, na sala onde este estudo foi aplicado, todos os factores de organização do espaço são tidos em consideração, tendo em vista o conforto e o bem estar das crianças. No entanto, há materiais que são considerados importantes na escala *ECERS-R* que não estão presentes neste espaço, como é o caso do banco de carpinteiro ou a mesa de água /areia.

Organização e envolvimento no espaço educativo

Verifica-se assim, que a sala em estudo segue o modelo curricular *High-Scope* e a divisão do espaço segundo a organização que se enquadra nas cinco áreas definidas pela ECERS-R. Outro factor que se verifica, e que segue este modelo (referenciado pela *ECERS-R*), relaciona-se com o facto de os materiais expostos serem realizados pelas crianças. As salas estão bem equipadas, há preocupação com a organização e a manutenção dos espaços e dos materiais, dinamização das atividades e do espaço de forma a promover a autonomia das crianças e é estimulada a criatividade das crianças. Os ambientes devem ser planeados de forma a satisfazer as necessidades da criança, ou seja, tudo deverá estar acessível à criança, só assim o desenvolvimento ocorrerá de forma a possibilitar a autonomia das crianças.

2. Comparação de ocorrências nos diferentes cantos da sala em estudo

Em seguida, pretendeu-se comparar as ocorrências nos diferentes cantos da sala em estudo, tendo como ponto de partida as ocorrências registadas através da observação dos sujeitos (Tabela 2).

	Canto		Total
	<i>Canto da Casinha</i>	<i>Canto do Projeto</i>	
A	7	10	17
B	5	9	14
C	7	10	17
D	6	7	11
Total	23	36	59

Tabela 2: Comparação de ocorrências nos diferentes cantos da sala em estudo

De acordo com a tabela apresentada, podemos verificar que o canto do projeto foi o que despertou mais interesse por parte das crianças (36 ocorrências) ao contrário do canto da casinha que registou 23 ocorrências. Esta situação poderá ocorrer devido ao facto de ser uma novidade e de o espaço ter sofrido alterações, o que captou de imediato atenção das crianças.

Segundo Vygotsky (Davis & Oliveira, 1993, p. 56) “o ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é essencial ao seu desenvolvimento”. Assim, um ambiente estimulante para a criança é aquele em que ela se sente segura e também desafiada, onde ela sinta prazer em estar naquele ambiente e se identifique com ele.

3. Sinais de envolvimento dos grupos nas atividades

Em seguida, apresentamos os sinais de envolvimento evidenciados pelos sujeitos (Tabela 3).

Sinais de envolvimento	Grupos				Total
	A	B	C	D	
Concentração	X		X		2
Energia	X	X	X		3
Complexidade e criatividade			X		1
Expressão facial e postura	X	X			2
Persistência	X	X	X		3
Precisão	X		X		2
Tempo de reação	X	X			2
Verbalizações			X	X	3
Satisfação	X	X	X	X	4
Total	7	5	7	2	

Tabela 3: Sinais de envolvimento dos grupos nas atividades

4. Divisão dos grupos em níveis de acordo com a escala de Leuven

Tendo em conta os sinais evidenciados de envolvimento, os sujeitos foram agrupados em níveis (Tabela 4).

	Nível				
	1	2	3	4	5
A	0	0	1	1	2
B	0	1	1	1	1
C	0	0	1	1	2
D	0	2	1	1	0
Total	0	3	4	4	5

Tabela 4: Divisão dos grupos em níveis de acordo com a escala de Leuven

Organização e envolvimento no espaço educativo

De acordo com a tabela apresentada podemos verificar que o Grupo D teve valores entre o nível 2 e o nível 4, uma vez que foi o grupo que esteve mesmo envolvido na realização das atividades, interrompendo constantemente o que estava a realizar. Os valores de nível 2 registaram-se quando as atividades decorriam no canto da casinha. Segundo Ferre Laevers (1994, p. 159-172), há sinais de envolvimento que são observáveis que auxiliam o observador a atribuir o nível de envolvimento das crianças. Na observação deste grupo apenas se conseguiu observar dois sinais de envolvimento, as verbalizações e a satisfação, daí os valores inferiores obtidos por este grupo.

No que se refere aos Grupos A e C pudemos observar que foram os que estiveram mais envolvidos nas atividades realizadas nos diferentes cantos, apresentando diferentes sinais de envolvimento, o que remete para a definição de envolvimento, onde é referido que este é uma qualidade da atividade humana em que a pessoa está a funcionar nos limites das suas capacidades (Vygotsky, 1979).

O Grupo B, nos quatro momentos de observação, demonstrou quatro níveis de envolvimento distintos. Podemos observar que as crianças que compunham este grupo estiveram mais envolvidas nas atividades realizadas no canto de projeto do que nas atividades realizadas no canto da casinha, talvez porque o canto de projeto era uma novidade para as crianças e estas tinham curiosidade em explorá-lo.

6. Conclusões

A realização deste estudo permitiu-nos recolher dados que dão algumas evidências sobre o papel da organização do espaço no envolvimento das crianças nas atividades realizadas. Através deste estudo, podemos verificar que, tendencialmente, se registou mais envolvimento das crianças nas atividades realizadas no canto do projeto vivenciado nesse momento do que no canto da casinha, devido possivelmente, à novidade, às salas bem equipadas, à preocupação com a organização e manutenção das salas, à dinamização das atividades que favorecem a autonomia à valorização do trabalho realizado pelas crianças e ao estímulo da criatividade das crianças. Esta realidade potenciada pelas características do contexto e seus intervenientes (entre os quais se destacam as famílias das crianças) poderá, de uma forma, mais ou menos indireta contribuir para que o factor organização e envolvimento estejam relacionados.

Através da condução deste estudo pudemos verificar algumas limitações que dificultaram a sua realização. Uma das limitações relacionou-se com o facto de se ter de dividir o grupo em subgrupos para que se pudesse registar os seus comportamentos. Contudo, uma solução de amostragem relativamente simples assegurou a fiabilidade e aleatoriedade da divisão dos sujeitos pelos grupos. A outra limitação estava relacionada com o escasso tempo para aplicar o estudo. Contudo, considerámos que estas limitações foram ultrapassadas com o auxílio de toda a equipa de trabalho e com a colaboração de outros docentes do mestrado.

Concluimos que a realização deste estudo pode suscitar o interesse para a realização de novos trabalhos sobre esta temática, nomeadamente, quanto à utilização das restantes subescalas da ECERS-R que foram registadas mas não analisadas o que poderia enriquecer a análise realizada. Um outro trabalho a este nível poderia passar pela comparação, dos dados obtidos com a análise de outros espaços e com outros modelos de organização (modelo João de Deus ou modelo Reggio Emilia).

II. Prática Pedagógica: Reflexão crítica

Ao nível do estágio profissional, foram definidos vários objetivos no início do ano letivo: contactar e integrar-me em diferentes contextos educativos, isto é, ser capaz de me integrar numa equipa de trabalho e cooperar em todas as tarefas realizadas; recolher e organizar todos os elementos necessários à análise da Instituição e da respetiva população, deveria ter o cuidado de recolher todos os documentos que me pudessem transmitir as informações necessárias para conhecer a instituição e a população; recolher, caracterizar e analisar o ambiente educativo, tendo em conta que o espaço é uma estrutura de oportunidades, isto é, ter o cuidado de observar o espaço e a forma como este está organizado para compreender as capacidades que este tem e a como podem ser aproveitadas; descrever e analisar, de forma detalhada, os diferentes momentos experienciados, através da observação participante efetuada em contexto escolar, ou seja, devemos ter a capacidade reflexiva para analisarmos o que correu bem e o que correu menos bem para que possamos melhorar; planificar e dinamizar (sob a supervisão do professor/Educador Cooperante) diferentes momentos em grande e em pequeno grupo em todos os domínios curriculares, devemos ter a capacidade de planificar diferentes momentos de acordo com as características do grupo; responder de modo positivo e adequado à integração e participação na equipa de trabalho, devemos ter a capacidade de nos integrarmos na equipa de trabalho de forma harmoniosa para que esta boa relação se reflita no trabalho realizado; manifestar capacidade relacional e de comunicação, bem como equilíbrio emocional, nas diferentes situações inerentes à prática em contexto profissional, devemos ter a capacidade de nos relacionarmos com aqueles com quem estamos a trabalhar; demonstrar a capacidade de se implicar em situações que envolvam todos os intervenientes no processo educativo, devemos mostrar disponibilidade para participar em momentos que não sejam planificados por nós, como por exemplo, festas; evidenciar um comportamento ético e deontológico inerente à profissão, devemos ser capazes de respeitar o código deontológico da nossa profissão e respeitar aquilo que nos é pedido; combinar as dimensões do conhecimento disciplinar, da fundamentação da prática de ensino na investigação e da iniciação à prática profissional, devemos ter a capacidade de relacionar todos os aspetos que consideramos importantes para transmitir às crianças; integrar conhecimentos no domínio de ensino, assumindo que o desempenho da profissão docente exige o domínio

Organização e envolvimento no espaço educativo

do conteúdo científico, humanístico, tecnológico ou artístico das disciplinas da área curricular de docência; aplicar conhecimentos, capacidades, competências e atitudes adquiridas na produção, em contexto real, de práticas profissionais adequadas a situações concretas na sala de aula, na escola e na articulação desta com a comunidade, devemos ser capazes de aplicar no contexto profissional tudo o que aprendemos; assumir uma postura crítica e reflexiva em relação aos desafios, processos e desempenhos do quotidiano profissional, isto é, devemos questionar e refletir sobre a nossa atividade o que nos ajudará a ser melhores profissionais.

Ao longo do ano letivo, foram utilizadas diversas atividades em contexto de práticas pedagógicas e, paralelamente foram introduzidos os novos cantos na sala em estudo.

DATA	Atividades de Estágio		Atividades Projeto de Investigação
	Atividade	Materiais Construídos	
26 SETEMBRO 2011	Observação		Surgimento do interesse pela temática;
27 SETEMBRO 2011	Observação		
3 OUTUBRO 2011	Observação		
4 OUTUBRO 2011	Sombragem de motivos de Outono; Teatro de fantoches “A chegada do Outono do espantalho brincalhão”;	Personagens da história “A chegada do Outono do espantalho brincalhão”;	
10 OUTUBRO 2011	Pintura com esponja de embalagens de leite/castelo com material de desperdício; Dramatização do tempo dos castelos até aos dias de hoje;	Castelo com material de desperdício;	
11 OUTUBRO 2011	Colagem de papel crepe na bandeira de Portugal; Dominó sobre alguns elementos de Portugal;	Peças do dominó sobre alguns elementos de Portugal;	
17	Colagem de recortes		

Organização e envolvimento no espaço educativo

OUTUBRO2011	de alimentos em pratos de papel “O que gosto de comer”; Jogo de orientação visual;		
18 OUTUBRO 2011	Exposição “À descoberta dos sabores”;		
24 OUTUBRO 2011	Contorno da mão e impressão digital; História sobre a segurança do corpo – jogo;	Personagens da história;	Seleção definitiva do tema;
25 OUTUBRO 2011	Pintura com esponja e carimbagem do coração; Puzzle em equipas sobre o corpo humano;	Puzzles sobre o corpo humano;	
31 OUTUBRO 2011	Iniciação à matemática – blocos lógicos;	Cartões com os atributos dos blocos lógicos;	
7 NOVEMBRO 2011	Compilação de técnicas – contorno e colagem; Iniciação ao Inglês: loto sobre as partes do corpo;	Cartões e peças do loto sobre as partes do corpo humano;	
8 NOVEMBRO 2011	Carimbagem sobre o corpo humano; Jogo de atenção auditiva – sons que ouvimos; Caça ao tesouro;	Folha de registo do som que ouviram; Puzzle do esqueleto de um pirata;	
14 NOVEMBRO 2011	Dança de roda “Ai lim, ai lim, ai lé”	Registo gráfico da canção;	
15 NOVEMBRO 2011	Técnica do berlinde – instrumentos do médico; Jogo da glória “Obras de Souto Moura – Projeto Curricular de Turma”;	Jogo da glória em madeira;	
21 NOVEMBRO 2011	Introdução do quadro do Advento;	Quadro do advento;	
22 NOVEMBRO 2011	Stencil “Os verdes do Natal”; Canção de Natal;	Registo gráfico da canção;	

Organização e envolvimento no espaço educativo

28 NOVEMBRO 2011	Desenho com giz e leite “O pinheiro de Natal”; Gincana “Vamos ajudar o Pai Natal”;	Pinheiros de Natal em cartolina preta; Presentes de Natal para a gincana;	
29 NOVEMBRO 2011	Colorir com códigos numéricos “Vamos pintar o Pai Natal”; Teatro de silhuetas “As renas do Pai Natal”;	Personagens da história “As renas do Pai Natal”;	
5 DEZEMBRO 2011	Culinária “Que bolachinhas deliciosas”;	Registo gráfico da receita;	Aplicação do Pré teste da ECERS-R e da LIS-YC;
6 DEZEMBRO 2011	Canção “A todos um bom Natal”;	Registo gráfico da canção;	
12 DEZEMBRO 2011	Técnica do pingo de cera “Vamos pintar a carriça”; Poesia desenhada “A carriça e o Natal”;		Início da aplicação da ECERS-R e da LIS-YC;
13 DEZEMBRO 2011	Estampagem simétrica de um símbolo de Natal (estrela); Jogo de iniciação à matemática sobre conjuntos com símbolos de Natal;	Cartões para o jogo de iniciação à matemática onde indicava os atributos dos conjuntos;	
3 DE JANEIRO 2012	Faltei		
9 JANEIRO 2012	Técnica de giz com leite “Vamos colorir o dinossauro”; Primeira abordagem ao projeto “No tempo dos dinossauros”;	Dinossauros em lixa; Canto “No tempo dos dinossauros”;	
10 JANEIRO 2012	Decoração dos ovos de dinossauro do novo canto da sala; Jogo da memória sobre as espécies de dinossauros; Canção “Sou um Tiranossauro Rex”;	Ovos de dinossauros; Cartões para o jogo da memória com diferentes espécies de dinossauros; Registo gráfico da canção;	
16 JANEIRO 2012	Decalque de fetos; Experiência sensorial do tato sobre o solo;	Folha onde as crianças podiam registar o que sentiam;	

Organização e envolvimento no espaço educativo

17 JANEIRO 2012	Jogo da glória “Na trilha dos dinossauros”; Sequência lógica do crescimento do dinossauro; História em televisão “O dinossauro”;	Jogo da glória (base do jogo, dado e peões); Folha de registo do crescimento do dinossauro; História em televisão “O dinossauro;”	
23 JANEIRO 2012	Trabalho de associação – modalidade/objeto; Jogo de movimento “Desporto é saúde”;		
24 JANEIRO 2012	Experiência do vulcão em erupção; Fóssil de dinossauro em pasta branca; Iniciação à matemática “Conjuntos e subconjuntos do tempo dos dinossauros”;	Fóssil de dinossauro em pasta branca para mostrar às crianças; Imagens dos diferentes dinossauros e as características dos conjuntos e dos subconjuntos;	
27 FEVEREIRO 2012	Concretização da bandeira do Reino Unido; Dramatização – introdução do canto do projeto “O espaço”; Colagem com papel de estanho “As fases da lua”;	Canto “O espaço”;	
28 FEVEREIRO 2012	Stencil “Monumentos de Inglaterra”; Loto em equipas “Monumentos de Inglaterra”;	Cartões e peça do loto “Monumentos de Inglaterra”;	
29 FEVEREIRO 2012	Pintura em bule de chá; Apresentação em powerpoint “Tradições gastronómicas”;	Bulés de chá em cartão;	
5 MARÇO 2012	Pintura com cotonete “O planeta Terra”; Gincana “Vamos descobrir o espaço”;	Planeta Terra em cartão;	

Organização e envolvimento no espaço educativo

6 MARÇO 2012	Construção de um foguetão com material de desperdício; Teatro de silhuetas “Estrelas e planetas”;	Foguetão em material de desperdício; Personagens da história “Estrelas e planetas”;	
7 MARÇO 2012	Simulação da queda de meteoritos; Jogo da glória sobre o espaço;	Jogo da glória sobre o espaço (base do jogo, dado e peões);	
12 MARÇO 2012	Escrita do nome (introdução dos cartões dos nomes); Flores para os padrinhos; Jogo da memória “O equipamento do astronauta”;	Cartões para o jogo da memória sobre o equipamento do astronauta;	
13 MARÇO 2012	Pintura com difusor dos planetas; Iniciação à matemática “Sequências do espaço”;	Cartões com imagens relacionadas com o espaço;	
14 MARÇO 2012	Construção de extraterrestres com formas geométricas; Pintura do extraterrestre com cera derretida; Puzzle gigante “O sistema solar”;	Puzzle gigante do sistema solar;	
19 MARÇO 2012	Postal da Páscoa – técnica da cera derretida; Canção sobre o pai “O meu maior amigo”; História sobre a preservação da camada do ozono (educação ambiental);	Registo gráfico da canção; Marracas;	
20 MARÇO 2012	Stencil de símbolos da Páscoa; Estafetas “Somos coelhinhos”;	Orelhas de coelhos, medalhas para identificar as equipas e o registo gráfico das estafetas;	
21 MARÇO 2012	Carimbagem “Jardim	Carimbos de flores;	

Organização e envolvimento no espaço educativo

	encantado”; Teatro de sombras chinesas “A borboleta branca”;	Personagens da história “A borboleta branca”;	
26 MARÇO 2012	Sombragem de motivos da Páscoa; Iniciação à matemática “Ordenação dos planetas”;	Planetas em cartão;	
27 MARÇO 2012	Trabalho escrito de grafismo; Labirinto do coelho;	Labirinto em plástico;	
28 MARÇO 2012	Modelagem e pintura de ovos da Páscoa; Canção da Páscoa “Coelhinho Novo”;	Registo gráfico da canção;	
10 ABRIL 2012	Construção de flores com material de desperdício; Primeira abordagem ao projeto “O polícia”;	Canto “O polícia”;	
11 de ABRIL 2012	Colagem em mosaico de semáforo; Mímica do polícia;	Cartões com imagens do que faz um polícia e do que usa um polícia;	
16 ABRIL 2012	Labirinto com roll-on do polícia; Exploração de imagens em powerpoint “Comportamentos seguros... Assim estou em segurança!”; Concretização de um livro sobre comportamentos seguros;	Livro sobre os comportamentos seguros;	
17 ABRIL 2012	Trabalho escrito – iniciação à matemática – contagem/associação do algarismo; Jogo de movimento “Simulação de uma viagem de carro pela cidade – prevenção rodoviária”;	Caminho em plástico e sinais de trânsito;	

Organização e envolvimento no espaço educativo

18 ABRIL 2012	Pintura em relevo do carro da polícia; Lengalenga – iniciação à leitura e à escrita “As vogais”;	Personagens da lengalenga;	
23 ABRIL 2012	Marcador de livro; Dominó sobre as personagens das histórias infantis;	Peças do dominó sobre as personagens das histórias infantis;	
24 ABRIL 2012	Origami de flor; Teatro de sombras sobre o polícia;	Personagens da história sobre o polícia;	
30 ABRIL 2012	Trabalho de esquema corporal “O corpo do polícia”; Canção “Rafa, bombeiro”;	Registo gráfico da canção; Chapéus de bombeiro feitos de papel;	
2 MAIO 2012	Stencil sobre os objetos do polícia; Adivinhas sobre os serviços;	Registo gráfico das adivinhas sobre os serviços;	
14 MAIO 2012	Primeira abordagem ao projeto “A florista”;	Canto “A florista”;	
15 MAIO 2012	Sombragem e colagem - realização de flores; Teatro de silhuetas “A borboleta Leta”;	Personagens da história “A borboleta Leta”;	
16 MAIO 2012	Trabalho de iniciação à matemática – formação de conjuntos “As flores”; Jogo de associação – Educação Ambiental/Ecoponto;	Ecopontos;	
21 MAIO 2012	Trabalho de união de pontos de uma flor “A papoila” (1 ao 20); Jogo da memória “Plantas carnívoras, aquáticas, espinhosas ou venenosas?”;	Cartões com diferentes imagens de flores;	
22 MAIO 2012	Dança de roda “Apanhar o trevo”;	Registo gráfico da canção;	
23 MAIO 2012	Decalque de folhas; Simetria de	Personagens da história “João e o	

Organização e envolvimento no espaço educativo

	borboleta; Teatro de fantoches de colher de pau “João e o pé de feijão”;	pé de feijão”;	
28 MAIO 2012	Passeio de final de ano à Capital Europeia da Cultura – Guimarães;		
29 MAIO 2012	Experiência sensorial do olfacto “Consegues encontrar o meu par?”; Jogo de atenção visual “Consegues descobrir?”	Duas imagens de Guimarães e as peças destas imagens;	
30 MAIO 2012	Impressão em tecido; Rítmica “Jardim da Celeste”;	Registo gráfico da canção;	
4 JUNHO 2012	Colagem em mosaico “Coração de Guimarães”; Jogo da glória “O que vamos imitar?”; Primeira abordagem ao projeto “Os animais”;	Coração de Guimarães em cartão; Jogo da glória (base do jogo, dado, peões e cartas de imitação); Canto “Os animais”;	
5 JUNHO 2012	Stencil dos animais; Adivinhas sobre os animais “Quem sou eu?”;	Registo gráfico das adivinhas;	
6 JUNHO 2012	Composição de técnicas “Os animais e os seus habitats”; Lengalenga em transparência “Quem está?”;	Moldes de diferentes animais; Lengalenga em transparência “Quem está?”;	
11 JUNHO 2012	Iniciação à matemática – correspondência “Quantas patas tem?”; História em flanelógrafo “O sapo curioso”;	Personagens da história “O sapo curioso”;	
12 JUNHO 2012	Introdução de uma obra de arte de Joan Miró (dramatização);	Disfarce de Joan Miró; Contorno do galo	

Organização e envolvimento no espaço educativo

	Pintura vertical inspirada na obra “Lecoq” de Joan Miró; Rítmica “Dona Girafa”;	para realizar a pintura vertical;	
13 JUNHO 2012	Marmoreado “Camuflagem de animais”; Jogo de atenção auditiva “Que animal é?”;		
18 JUNHO 2012	Teatro em sombras chinesas “Daniel e os elefantes”;	Personagens da história “Daniel e os elefantes”;	
19 JUNHO 2012	Colagem de papel de estanho em sardinha “Vamos festejar o São João comendo sardinhas”; Jogo de associação dos animais aos habitats;	Imagens dos diferentes habitats e imagens dos animais que vivem nesses habitats;	
21 JUNHO 2012	Jogo de movimento “Consegues apanhar o peixe”;		
22 JUNHO 2012	Marcha de São João;	Arcos de São João;	

Quadro 1: Cronograma de atividades desenvolvidas no estágio

Durante o estágio realizado surgiram outros tópicos de avaliação e que na verdade eram objetivos a atingir, sendo da maior importância e, por esse motivo, merecerem uma reflexão mais aprofundada.

A organização do espaço educativo é um aspeto bastante relevante no desenvolvimento das crianças, pois é o espaço onde o grupo permanece grande parte do dia. Este espaço deve estar apelativo, cuidado e organizado, de forma a proporcionar às crianças a sua adaptação e identificação e principalmente a sua autonomia no mesmo. Assim, ao longo de todo o ano tivemos o cuidado de manter o espaço sempre organizado, arrumado e cuidado, para que o grupo manifestasse gosto e colabora-se para na sua manutenção e enriquecimento.

O espaço educativo da sala de atividades deve ser constantemente melhorado e modificado de acordo com os interesses e as necessidades demonstradas pelo grupo. De forma a contribuir para o enriquecimento do espaço, ao longo do presente ano letivo,

fomos cooperando com objetos de decoração relacionados com o projeto ou a época vivida na sala. Como por exemplo, no projeto de Natal com objetos de decoração, nomeadamente, mesa de Natal para o canto da casinha, toalha de Natal, cadeira para a sala de estar do Pai Natal, fato de Pai Natal, árvore de natal. Este é um exemplo do que fomos fazendo para o enriquecimento do espaço, pois ao longo do ano foram surgindo projetos de sala em que contribuímos com materiais mas após o segundo semestre todos os projetos vivenciados na sala eram de nossa responsabilidade, ou seja, estávamos responsáveis por montar o cantinho e planear o projeto.

Relativamente ao factor da organização do ambiente educativo, não senti muitas dificuldades. A principal dificuldade que senti relacionou-se com o facto de o espaço ser uma novidade e de ter de adaptar as dimensões dos materiais ao espaço. Assim que ultrapassei esta dificuldade, consegui sempre adaptar a quantidade de materiais ao espaço e às necessidades do grupo. Nunca senti dificuldades em ser autónoma na organização do espaço nem na introdução de novos materiais nos diferentes cantos de acordo com os interesses e as necessidades demonstradas pelo grupo.

Os materiais desenvolvidos para as atividades e para os projetos eram apelativos, duradouros e estavam adequados à faixa etária do grupo. Tanto estes materiais como os que já existentes na sala foram cuidados da melhor forma. Tentei estar sempre atenta para caso fosse necessário fazer uma manutenção em algum material de forma a não colocar a segurança das crianças em risco.

Na faixa etária com que me encontrei a realizar as práticas não foi necessário realizar materiais que tivessem como principal critério o aspeto de segurança, ou seja poderiam ser materiais mais flexíveis pois encontrava-me a realizar prática com um grupo de 4anos. Logo, a faixa etária dos 4 anos não necessita de cuidados específicos com os materiais porque já não colocam tudo na boca. Mas, ao longo do ano tive o cuidado de construir materiais adequados à faixa etária, apelativos e atrativos. Além disso, tentei construir sempre material com toda a perfeição possível e que fosse de interesse do grupo, o que foi conseguido. Contudo, tentei que os materiais fossem o mais resistente possível para que as crianças pudessem manipulado livremente.

Quanto à rotina diária do grupo não senti muitas dificuldades, porque rapidamente consegui compreender a sequência dos momentos. No entanto, senti dificuldades nos momentos de transição entre as atividades, porque não tomava a iniciativa de propor algumas atividades nestes momentos de forma a envolver as crianças. No entanto, consegui ultrapassar esse ponto negativo e adaptei-me à rotina do grupo encontrando-me no momento completamente autónoma, sentindo-me capaz e confiante de gerir o grupo no que diz respeito à sua rotina.

Ao longo do estágio fomos realizando registos semanais que nos permitiu refletir sobre a nossa prática pedagógica, ou seja, sobre o que tínhamos que melhorar e que ainda auxiliaram na realização do relatório final, no sentido em que tínhamos que refletir sobre todo o tempo que estivemos em estágio, sobre a nossa evolução e principalmente nas questões relacionadas com o relatório final, onde estes registos foram importantes para verificar datas e acontecimentos.

Estes registos foram realizados periodicamente. No entanto, só no segundo semestre é que comecei a realizar todos os registos diários. Esta situação dificultou a realização das atividades e a minha evolução. No entanto, assim que comecei a realizar todos os registos diários senti que a minha prestação começou a melhorar, na medida em que refletia sobre o que não tinha corrido tão bem e delineava estratégias para ultrapassar esses entraves.

Foi-nos proposta a realização de um projeto curricular de turma do grupo com que nos encontrávamos a realizar práticas e com as indicações e normas do Ministério da Educação.

Quando obtive as informações necessárias sobre o grupo, a realização do projeto foi relativamente simples até ao capítulo das metas de aprendizagem, onde a dificuldade surgiu, pois não compreendia as mesmas, devido ao facto de estar habituada a trabalhar com a programação de grupo, o que tornou difícil fazer a adaptação da programação para as metas, depois de perceber o encadeamento consegui facilmente realizar essa adaptação.

Organização e envolvimento no espaço educativo

A relação com o grupo foi excelente desde o início, porque já conhecia o grupo desde o ano anterior e, apesar de existirem crianças novas no grupo, consegui chegar até elas da mesma forma que o restante grupo. Não posso negar que, com o passar do tempo, a aproximação aumentou, mas penso que este factor é normal, pois eu tinha que me integrar e o grupo também necessitava do seu tempo para me aceitar, integrar e respeitar. Chegando ao final de todo o ano letivo, penso que consegui a integração desejava com o grupo, mantendo uma relação próxima com todos ao nível do trabalho de sala mas também e muito importante a nível emocional e afetivo. Quanto ao nível do trabalho, o grupo estava disponível para trabalhar comigo e colaborava imenso gostando das diversas atividades e até esperavam ansiosos por esse momento. No que diz respeito ao emocional e afetivo consegui trocar carinhos com todos eles e recebê-los o que também foi muito gratificante. O poder dar carinhos a todos eles foi uma vitória, pois considero que consegui chegar a todos eles, o que no início não acontecia, pois algumas crianças não aceitavam bem e mantinham-se um pouco afastadas. Com o tempo consegui superar essa “rejeição” por parte dessas crianças e fui aceite em qualquer momento por todas as crianças, o que é bastante positivo no meu ver. Ao longo do estágio também tive em conta as características de cada criança, pois o grupo em questão é muito diversificado adaptando assim as diferentes perguntas e até mesmo os carinhos e os castigos, pois apesar de tudo também era necessário quando preciso.

Quanto à relação com os pais penso que a mesma também foi positiva, apesar de não contactar muito com os pais das crianças, de maneira a proteger-me, mas creio que este é um aspeto que tenho de trabalhar.

Após uma reflexão aprofundada sobre todo o processo educativo realizado ao longo do estágio penso que será oportuno identificar as áreas fortes e as áreas fracas. As áreas em que me considero mais segura são a área da linguagem oral, escrita e da expressão e educação plástica. Por fim, as áreas que considero que deverei evoluir são: a área da expressão e educação musical e a área da matemática. Para colmatar as dificuldades sentidas considero que deveria frequentar ações de formação e planificar as atividades com mais pormenor, investindo cada vez mais na sua melhoria

A realização deste projeto foi uma mais valia para o meu futuro profissional, na medida em que me permitiu compreender a importância da influência do espaço no

Organização e envolvimento no espaço educativo

desenvolvimento das crianças. Até começar a realizar este projeto não tinha a ideia de que a forma o espaço educativo estava organizado e tinha tanta importância para a educação pré-escolar.

Um aspeto menos positivo deste trabalho prende-se com o escasso tempo que tivemos para o realizar, o que, de certa forma, prejudicou a nossa prestação. Considero que poderíamos ter realizado um projeto mais completo e sustentado se o período em que este foi aplicado tivesse sido maior.

No geral, consideramos que a realização deste trabalho poderá suscitar mais interesse sobre esta temática e levar a que sejam desenvolvidos mais trabalhos nesta área. Se tivesse a possibilidade de ingressar no Mestrado de habilitação para a docência no Pré-Escolar e 1º Ciclo gostaria de realizar um projeto relacionado com esta temática, de forma a compreender se a organização do espaço educativo desempenha um papel igualmente relevante no desenvolvimento das crianças, ao nível do 1º Ciclo.

Bibliografia

Brickman, N. & Taylor, L. (s.d.) *Aprendizagem activa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Departamento de Educação Básica (DEB), Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação.

Hohmann, M. Banet, B. & Weikart, D. (1995). *A criança em acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M. & Weikart, D. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Laevers, F. (1994a). *The Leuven Involvement Scale for Young Children LIS-YC. Manual and video tape (Experiential Education Series, 1)*. Leuven: Centre for Experiential Education.

Laevers, F. (1994b). The innovative project Experiential Education and the definition of quality in education (p. 159-172). In F. Laevers (Ed.), *Defining and assessing quality in early childhood education* Leuven: Leuven University Press.

Anexo 1: Organigrama

Esta escola ocupa dois edifícios de habitação, que são propriedade da associação. O edifício-mãe encontra-se ocupado pelo 1º Ciclo do Ensino Básico. No outro edifício encontra-se o Núcleo pedagógico e o Jardim de Infância. Estes dois edifícios encontram-se ligados pelo espaço exterior. Existe uma construção exterior e contígua ao edifício-mãe, onde funciona o pavilhão para atividades de psicomotricidade, ginástica e desporto. Contíguo ao outro edifício, existe uma construção em que se localizam duas salas polivalentes.

A ocupação do edifício-mãe faz-se da seguinte forma:

1. Rés-do-chão

Cozinha:

Dispensa

Casa de banho

Espaço de receção de mercadorias

2. Primeiro andar

O acesso ao primeiro andar pode ser feito através de escadas interiores ou exteriores.

Hall de entrada

Secretaria

Sala de aulas (duas)

Sala de convívio/Professores

3. Segundo andar

Mediateca

Gabinetes de trabalho

Casas de banho

Sala de aula (uma)

4. Cave

O acesso à cave pode ser feito pelo exterior ou por escadas interiores e é onde se localiza um espaço de arrecadação.

A ocupação do segundo edifício faz-se da seguinte forma:

1. Rés-do-chão

Refeitório

- Sala de atividades (uma)
- Casas de banho
- Sala polivalente
- 2. Primeiro andar
 - Hall de entrada
 - Sala de professores
 - Sala de atividades (duas)
 - Dormitório
 - Casas de banho
- 3. Segundo andar
 - Casas de banho
 - Salas de atividades (duas)
- 4. Cave

O acesso à cave pode ser feito pelo exterior ou por escadas interiores e é onde se localiza um espaço de arrumação.

Quanto aos recursos humanos, esta escola dispõe de uma direção pedagógica e de uma direção administrativa e financeira. No Núcleo Pedagógico e no Jardim de Infância, o corpo docente é constituído por educadores de infância e o pessoal não docente é composto por auxiliares de ação educativa. Pode também haver estagiárias do Mestrado em Educação Pré-Escolar e da Licenciatura em Educação Básica da ESESM. No 1º Ciclo do Ensino Básico, o corpo docente é composto por professores do 1º Ciclo do Ensino Básico, professor de educação física, professor de inglês e professor de música, e o pessoal não docente é composto por auxiliares de ação educativa. Para o conjunto de toda a escola, é possível contar com pessoal de Secretaria, Económico, Cozinha, Limpeza e Lavandaria.

Anexo 2: Habilitações literárias dos pais das crianças dos 4 anos de idade

Habilitações literárias	
Pai	Mãe
12º ano	Licenciatura
Licenciatura	Licenciatura
Licenciatura	Licenciatura
Licenciatura + Mestrado	Licenciatura
Licenciatura	Licenciatura
Licenciatura	Licenciatura
Licenciatura	Licenciatura
Licenciatura	Licenciatura
Licenciatura + Mestrado	Licenciatura + Mestrado
Licenciatura	12º ano
Licenciatura	Licenciatura
Licenciatura	Licenciatura
Licenciatura	Licenciatura
Licenciatura	Licenciatura
Licenciatura	Licenciatura
Licenciatura	Bacharelato
Licenciatura	Licenciatura
Doutoramento	Licenciatura
Licenciatura	Licenciatura
Licenciatura	Licenciatura

Tabela 2 – Habilitações literárias dos pais das crianças dos 4 anos de idade

ECERS-R Folha de Perfil

Jardim de Infância:
Educador/Sala

Observação 1: $\frac{1}{m} \frac{2}{m} / \frac{1}{d} \frac{2}{d} / \frac{1}{a} \frac{1}{a}$
Observação 2: $\frac{m}{m} / \frac{d}{d} / \frac{a}{a}$

Observador: Cristina Santos

Observador: _____

I - Espaço e Mobiliário (1-8)

Obs.1 Obs.2
pontuação média da subescala

Item	1	2	3	4	5	6	7
1. Espaço interior						*	*
2. Mobiliário cuidados de rotina, brincadeiras e aprendizagem						*	*
3. Mobiliário para descanso e conforto						*	*
4. Arranjo da sala para actividades						*	*
5. Espaço de privacidade			*			*	*
6. Exposição de material relacionado com a criança				*		*	*
7. Espaço para motricidade global						*	*
8. Equipamento para actividades de motricidade global						*	*

II - Rotinas / Cuidados Pessoais (9-14)

Item	1	2	3	4	5	6	7
9. Chegada/saída						*	*
10. Refeições/merendas						*	*
11. Sono/descanso						*	*
12. Uso da casa de banho / fraldas						*	*
13. Práticas de saúde						*	*
14. Práticas de segurança						*	*

III - Linguagem / Raciocínio (15-18)

Item	1	2	3	4	5	6	7
15. Livros e imagens						*	*
16. Encorajar as crianças a comunicar						*	*
17. Uso da linguagem para desenvolver raciocínio						*	*
18. Uso informal da linguagem						*	*

IV - Actividades (19-28)

Item	1	2	3	4	5	6	7
19. Motricidade fina						*	*
20. Arte						*	*
21. Música/movimento						*	*
22. Blocos					*	*	*
23. Areia/água				*		*	*
24. Jogo dramático						*	*
25. Natureza/ciência						*	*
26. Matemática/número						*	*
27. Uso da televisão, vídeo e/ou computadores						*	*
28. Promover a aceitação da diversidade						*	*

V - Interação (29-33)

Item	1	2	3	4	5	6	7
29. Supervisão de actividades de motricidade global						*	*
30. Supervisão geral das crianças						*	*
31. Disciplina						*	*
32. Interações pessoal - criança						*	*
33. Interações entre crianças						*	*

VI - Estrutura do Programa (34-37)

Item	1	2	3	4	5	6	7
34. Horário						*	*
35. Jogo livre						*	*
36. Tempo de grupo						*	*
37. Condições para crianças com incapacidades						*	*

VII - Pais e Pessoal (38-43)

Item	1	2	3	4	5	6	7
38. Condições para pais						*	*
39. Condições para as necessidades individuais do pessoal						*	*
40. Condições para as necessidades profissionais do pessoal				*		*	*
41. Interação e cooperação entre o pessoal						*	*
42. Supervisão e avaliação do pessoal						*	*
43. Oportunidades para desenvolvimento pessoal						*	*

Pontuações Médias das Subescalas

